

GENERO E HISTORIOGRAFIA: os fios da Memória Feminina nos Labirintos da História

Losandro Antonio Tedeschi^(*)

Resumo

Não há futuro para a história das mulheres sem um permanente exercício arqueológico da memória, porque sem ela não se pode construir nem resguardar a identidade. Até porque a memória é matéria prima da história, e a própria realidade é marcada por elaborações, interpretações que os sujeitos fazem dela, marcadamente subjetivas, ao longo do tempo. Trabalhar com estudos de gênero, e conseqüentemente a produção intelectual feminina sobre a historiografia, exige que nós a entendamos como uma bem arquitetada invenção – política, social, cultural. As mulheres, e também os homens, são simplesmente um efeito de práticas discursivas e não discursivas. Portanto, reconhecer os discursos e as práticas que nomearam as mulheres, o lugar social, as tarefas, as atribuições, e também a subjetividade feminina é uma tarefa primeira que necessita ser teorizada no âmbito da história.

Palavras-chave: Gênero. Memória. Historiografia.

Abstract

There is no future for women's history without a permanent archaeological exercise of memory, because without it you cannot build or protect the identity. Partly because the memory is raw material of history and reality itself is marked by contracts, interpretations that the subjects make it markedly subjective, over time. Working with gender studies, and consequently the female intellectual production on the historiography requires us to understand it as a well architected invention - political, social, cultural. Women, and also men, are simply an effect of discursive and non-discursive practices. Therefore recognize the discourses and practices that have appointed women, social place, tasks, assignments, and also the first female subjectivity is a task that needs to be theorized as part of the story.

Keywords : Gender. Memory. Historiography.

O esquecimento e a História das Mulheres.

^(*) Professor de história, pesquisador produtividade em pesquisa no CNPq nas áreas de estudos de gênero e história das mulheres, coordenador da Cátedra UNESCO “Diversidade Cultural, Gênero e Fronteiras” na Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD. E-mail: losandrotedeschi@ufgd.edu.br.

As contribuições que os estudos de gênero nos últimos tempos têm dado a historiografia contemporânea são inquestionáveis, pois, além de possibilitar que as mulheres saíssem da invisibilidade do passado, colocam um conjunto de questões e reflexões metodológicas importantes. Quando falamos na construção das narrativas femininas na história, devemos pautar à necessidade de se historicizar os conceitos e categorias analíticas que nos foi delegado pelas narrativas tradicionais, levando-nos a enfrentar o desafio de captar as transições dos modelos interpretativos da história e alimentando uma nova experiência social crítica frente à presença de paradigmas culturais vinculados à masculinidade hegemônica.

O saber histórico está permanente motivado e inspirado no presente, o que permite escrever a história com uma disposição democrática, ou seja, tem facilitado que os povos, os grupos sociais, as mulheres, deixem seu sinal, sua visão sobre o presente e o passado. As sociedades têm o direito de construir seu passado e, em função dele, definir sua identidade ao longo do tempo.

O tempo na história das mulheres¹ se construiu a partir da composição de diversidades, das rupturas, aventuras inesperadas e desacertos. O tempo se desenhou nas memórias das mulheres com linhas simétricas. Suas geometrias ultrapassaram abismos e atravessaram fronteiras nunca vistos, reinventando-se e redefinindo-se no mundo.

A história, a memória e a noção de tempo são criações de um imaginário fértil, com armadilhas que se renovam. A escrita e a palavra, o deslocamento e a desconfiança, a inquietude e o desassossego trouxeram sempre especulações contínuas na vida das mulheres na história. A histórias das mulheres se construiu sob arquiteturas próximas de labirintos escuros e cheio de curvas. O “fio de Ariadne” é a metáfora que se cola no tempo e evita que o desespero nos assombre com pesadelos, mesmo que o fio não atravesse todos os caminhos.

Enquanto buscavam existir e narrar por seus meios, as mulheres se reconstruíram no tempo, e suas memórias foram seletivamente buscando traços que pareciam apagados. É a

¹ Acontece que a percepção de tempo, incorporada e debatida na historiografia, é fruto, simultaneamente, da própria época vivida, do presente, como também do passado, de sua evolução ao longo dos séculos, construída por discursos e relações de poder que ditaram em certa época e período a historicidade dos fatos de sujeitos muito singulares, os homens, e que chegaram até nós, do que vivemos hoje e daquilo que o futuro pode nos reservar.

narrativa feminina, escondida entre os labirintos da história que sustentou o fluxo da memória.

Refletir sobre presente e o passado para a história das mulheres exige um permanente exercício arqueológico² da memória, porque sem ela, não se pode construir ou desconstruir as identidades marcadas pelo tempo. Até porque a memória é matéria prima da história, e a própria realidade é marcada por elaborações, interpretações que os sujeitos fazem dela, marcadamente subjetivas, ao longo do tempo.

Ao escreverem, ao narrarem, ao se imporem, quebraram os tabus e passaram a duvidar da própria memória. Ao recordar e escrever as mulheres ao longo da história vão passando a limpo os fatos de suas vidas. Elas, que sempre se sentiram estranhas nesse labirinto, tomam para si o ato de tecer a sua história e a história de seu grupo.

Ao abordar o cotidiano, o privado, os corpos, a violência, ao historicizar sobre suas histórias, as mulheres passam a possibilitar um outro entendimento do passado, que leva a uma atuação mais crítica em relação ao presente e futuro. Ao possibilitar que outros sujeitos sejam participantes da história, desentranhamos a história por dentro, revelando e dando a conhecer as lutas e pensamentos forjados na experiência feminina da vida individual ou coletiva, que até o momento estava no anonimato.³

Se o silêncio apareceu na história como um atributo feminino, que constituía parte do suposto mistério constitutivo da mulher - e mesmo do feminino enquanto ideal - é preciso rever seu lugar e pensar esses espaços do silêncio no qual as mulheres foram trancadas como resultado de um poder simbólico patriarcal que a impôs papéis e identidades. Ao perguntar Michelle Perrot se “*é possível uma história das Mulheres*”? ela aspira conhecer a importância das relações entre a História das Mulheres e as distintas correntes da historiografia, na construção de uma história que explicava como se produziam os significados da diferença

² Foucault mostra em “As palavras e as coisas” que a rede dos saberes de uma época está construída por várias configurações, tais como discursos literários, filosóficos, científicos ou, simplesmente, domínios empíricos considerados em sua positividade. A grande função da “arqueologia” é tentar compreender as condições históricas e sociais que possibilitaram a irrupção de acontecimentos discursivos.

³ A recuperação da memória feminina nos ajuda a fortalecer os processos de discriminação e de resistência à hegemonia dos discursos de poder e de sistemas de representações androcêntricos presentes. Tais memórias nos revelam como a recuperação desses sujeitos coloca as mulheres num processo de retomada de consciência, demonstrando a identificação do sujeito com sua experiência no processo histórico. PERROT, Michelle. *As mulheres e os silêncios da história*. São Paulo: Edusc, 2005.

sexual nos processos discursivos de poder, que eram os organizadores e legitimadores das diferenças.

Feministas assumidas ou não, as mulheres forçam a inclusão dos temas que falam de si, que contam sua própria história e de suas antepassadas e que permitem entender as origens de muitas crenças e valores, de muitas práticas sociais frequentemente opressivas e de inúmeras formas de desclassificação e estigmatização dadas pelo gênero. De certo modo, o passado encoberto pela névoa das representações hegemônicas precisava ser re-interrogado a partir de novos olhares e problematizações, através de outras ferramentas interpretativas, criadas fora do modelo androcêntrico de história.

A história tem sido, desde sempre, o lugar da legitimação, do domínio. O controle e a distribuição da palavra escrita, encarregada principalmente pelos homens letrados, os escritores, os cronistas, os historiógrafos, implicou num uso e abuso do poder simbólico em narrar, relatar, significar determinadas parcelas da realidade, parcela essa ligada diretamente aos triunfos, aos grandes feitos heróicos, com pretensões de superioridade e feitos de grande poder.

A história das mulheres contribui para narrativa e a revelação de uma história do silêncio⁴, uma história do confinamento, mais do que do esquecimento. Durante muito tempo, escrita e o saber estiveram – e ainda, continuam – relacionados ao poder e foram usados como formas de dominação e de exclusão de determinadas vozes que tentassem ecoar algum som em meio ao silêncio que era imposto para que se mantivesse a ordem social em uma sociedade de base falocêntrica, patriarcal, machista e sexista.

Mesmo assim, o discurso hegemônico do patriarcalismo não conseguiu abafar determinadas vozes, principalmente de mulheres que não estavam contentes em serem rotuladas como o “segundo sexo” e que, por isso, se negaram à subordinação. A integração de mulheres/escritoras ao universo da escrita foi marcada por uma trajetória bastante dolorosa, principalmente porque escrita e saber, além de serem usados como forma de dominação, “ao descreverem modos de socialização, papéis sociais e até mesmo sentimentos esperados em determinadas situações” (TELLES, 2002, p. 402), eram tidas como ferramentas exclusivas do

⁴ Na acepção de Michele Perrot.

espaço masculino. Por isso, durante muito tempo, foram negadas às mulheres a autonomia e a subjetividade necessárias à criação.

Dentro do cenário historiográfico e literário, a escrita produzida por mulheres teve – e continua tendo – de conviver com uma política de ocultamento que trouxe consequências quase que irreparáveis. Muitas foram as mulheres que, embora com “o papel e o lápis em punho”, não puderam se expressar e tiveram sua obra, sua intelectualidade assujeitadas ao Outro, o sujeito masculino.

A história de autoria feminina, o desenvolvimento da prática de escrita dos mais diferentes gêneros textuais, literários e historiográficos pode ser visto como algo que ocorreu marcado pela necessidade das mulheres de se inscreverem no mundo masculino da história, do conhecimento e pelo risco iminente de serem apagadas dele. Inscrever-se e poder ser apagada parece ter sido o dilema que atormentou muitas das mulheres que se aventuraram a escrever.

Algumas, embora indecisas, sobre se deviam guardar seus escritos ou apagá-los, optaram pela primeira alternativa; e hoje é possível ter acesso ao modo como viveram, pensaram e representaram a realidade de que faziam parte. Outras, infelizmente, acabaram se livrando de seus escritos por achá-los inúteis, frívolos. Dessas, restam apenas referências esparsas, mas obra nenhuma; ou, o que é pior, o completo anonimato. No entanto, mesmo dentre as mulheres que escreveram, a escrita, para usar uma expressão de Chartier (2007), não foi capaz de “conjurar contra a fatalidade da perda”. Delas, perderam-se as obras, esqueceram-se os nomes, apagaram-se os traços, numa política de esquecimento que não foi involuntária.

Apesar de emparedadas por uma política de silenciamento, elas procuraram formas para subvertê-la e/ou para resistir, fazendo do silêncio uma arma a favor de si próprias, conforme afirma Perrot:

Evidentemente, as mulheres não respeitaram essas injunções. Seus sussurros e seus murmúrios correm na casa, insinuam-se nos vilarejos, fazedores de boas ou más reputações, circulam na cidade, misturados aos barulhos do mercado ou das lojas, inflado às vezes por suspeitos e insidiosos rumores que flutuam nas margens da opinião. Teme-se a sua conversa fiada e sua tagaralice, formas, no entanto, desvalorizadas da fala. Os dominados podem sempre esquivar-se, desviar as proibições, preencher os vazios do poder, as lacunas da História (PERROT, 2005, p. 10).

Se o acesso ao livro ou à escrita (literária, sobretudo), “modo de comunicação distanciada e serpentina, capaz de enganar as clausuras e de penetrar na intimidade mais bem guardada” (PERROT, 2005, p. 10), foi negado às mulheres, era preciso procurar outras formas

para falarem de si mesmas e para deixarem, ao menos, indícios, vestígios de uma presença e memórias femininas que, apesar de esgarçadas, foram resistindo não só ao tempo, mas, sobretudo, às políticas de silenciamento e ocultamento.

Não se trata hoje de construirmos uma narração documentada em torno da presença das mulheres em distintas épocas da história, nem daquelas que desafiaram a sociedade e foram qualificadas de heroínas, rainhas, bruxas e feiticeiras... A história das mulheres e a história das relações entre os gêneros constitui um campo que se alimenta de um universo de pensamento onde a dinâmica das mudanças e dos questionamentos responde, particularmente a critérios do conhecimento científico, das verdades instituídas sobre cada período.

A consideração crescente pela vida privada, familiar ou pessoal, fez com que os estudiosos e estudiosas lançassem olhares sobre fontes vistas, como não-oficiais: cadernos de receitas, álbuns de fotografias, diários íntimos, cadernos de anotações, livros de assentamentos, cartas, fotografias. Esses são alguns exemplos de fontes de que as mulheres se valeram para resistirem “à impossibilidade de falar[em] de si mesma[s] e do seu próprio ser, ou ao menos, o que se pode saber dele” (PERROT, 2005, p. 10). Portanto, as fontes tidas como não-oficiais são uma via alternativa para o resgate de algumas das práticas da memória feminina, as quais, por sua vez, acreditamos, podem revelar traços do feminino, sobretudo em esferas privadas.

Como fomos forjados e disciplinados dentro de uma tradição que cristalizou formas de ser e de existir e canonizou, por sua vez, determinadas fontes e “verdades” para estudos acadêmicos, é preciso, pois, fazer ouvir os murmúrios de outras fontes, dar voz ao silêncio que, durante muito tempo, foi a marca que as singularizava.

Estudar os textos produzidos por mulheres é um bom exercício para entender também as práticas da memória feminina, já que, “no teatro da memória, as mulheres são uma leve sombra”, uma vez que não lhes foi dado poder para gozar de espaço na narrativa histórica tradicional: “esta privilegia a cena pública – a política, a guerra – onde elas (as mulheres) aparecem pouco”. (PERROT, 2005, p. 33).

Nenhum fato histórico possui uma documentação que não possa ser substituída por outra, isto depende da vontade do próprio historiador. Que práticas discursivas e não discursivas fizeram esta ou outra questão emergir e se constituir como objeto para o pensamento? Como foi possível que tal objeto viesse à tona, como foi possível acreditarmos

como a-histórico ou natural algo que foi urdido nos embates da história? Esta forma de pensar os objetos históricos, como construções discursivas, irrita muitos historiadores, porque coloca em xeque o caráter de verdade da História.

A História é um discurso, resultado de relações de poder que autorizam ou silenciam fatos históricos. Os fatos históricos, assim como seus heróis são construções culturais muito distantes da verdade almejada por muitos historiadores. A verdade é uma interpretação. A interpretação é uma invenção. Quem interpreta não descobre a verdade, quem interpreta a produz. As diferentes interpretações são resultado de diferentes pontos de vista, de diferentes posições, de diferentes perspectivas.

Nada pode ser visto como natural, justo, verdadeiro, belo, desde sempre. As formas que os objetos históricos adquirem só podem explicadas pela própria História. O(a) historiador(a) é responsável pela sua seleção, pelo seu recorte, pela sua elaboração e até pelo seu silenciamento. A história não implica apenas em lembrar, mas também em produzir o esquecimento.

Nada nos chega do passado que não seja convocado por uma estratégia, armado por uma tática. Cada época define o que é verdade, o que é realidade. Foucault nos ajuda compreender como determinadas verdades são instituídas em campos de saber, e como estas, cristalizadas, nos impedem de ver outras formas de olhar para o passado.

Portanto, é preciso que, ao lado de fontes “oficiais” como romances, poemas, peças teatrais, estudemos também textos em que a história oficial não foi escrita/inscrita e nos quais a presença feminina se faça notar, já que ela foi alijada da narrativa histórica. Por outro lado, não queremos dizer que devemos deixar de estudar os textos literários. Não é a nossa proposta, pois tanto os textos literários de autoria feminina quanto os outros textos que, embora não recebam o qualificativo de literário, foram igualmente escritos por mulheres são elementos importantes naquilo que se constitui uma grande empreitada: a construção de uma memória (literária ou não) feminina na cultura brasileira e mundial.

A maioria das feministas, em todo o mundo, concorda no reconhecimento de que são os homens quem detém a voz que dita as leis e que assim eles podem modelá-las conforme mais lhes convier. Sara Beatriz Guardia (2012) pergunta: qual é a voz que se ouve nos grandes compêndios ou se lê na documentação que determina a nossa formação cultural e os nossos

ações morais e éticas enquanto cidadãos? Como é aqui é apontado, é a voz masculina aquela que fala mais alto nos mais diversos locais e instituições.

A escrita feminina persegue a sacralização da palavra pela qual evidencia, paradoxalmente, o caráter profano da invenção poética e da linguagem, revelando uma trama dentro da qual a disposição das palavras desvia-se da lógica usual, sexista e patriarcal, demarcando sua identificação com a problematização do mundo sob uma nova ótica e uma vinculação enunciativa comprometida com as causas feministas.

O que é essencial e distintivo na historiografia com preocupações feministas é a percepção e a intenção de uma escrita que se tece por um viés feminino em que a mulher se torna sujeito da história que vai sendo narrada nas vicissitudes do dia-a-dia e da comunidade de que ela é parte.

Num sistema social persistentemente falocêntrico como aquele que tem prevalecido em quase todo o mundo, a mulher tem sido, por isso, sistematicamente afastada do centro, das organizações políticas, sociais e culturais, onde se tomam as decisões que modelam a atividade social e suas normas de comportamento.

As historiador@s que lutam pelo fim da marginalização da mulher, fazem-na chamando a atenção da sociedade para a necessidade inalienável de esta ter acesso, em partilha plena com o homem, a todos os espaços e áreas de decisão e vivência político - cultural.

CONCLUSAO

As mulheres que escrevem, narram, interdita, se deslocam, se configuram na Ariadne, nas Antígonas e nas Penélopes nos dias de hoje⁵. Seguindo pelo labirinto tortuoso da sua existência, de seus deslocamentos, dispersões...

As mulheres que escrevem, que narram e fazem a história, assim como tantas outras Ariadnes, detém o poder de manipular o fio que salva Teseu no labirinto e lhe mostra a saída. O destino, as histórias escapam assim do poder dos deuses, pois elas advogam para si o poder sobre seus atos, fazendo o seu destino a partir das suas decisões, escolhas tecidas pelos seus próprios fios, construindo o tapete por onde passam. Suas decisões passam a ser

⁵ Faço uso aqui das personagens femininas da mitologia grega enquanto metáfora para vislumbrar os sentidos necessários e imprescindíveis para uma historia das mulheres.

reconhecidas e questionadas pelo próprio ato de fiar. Elas tornam-se tecido vivo. A noção temporal que marca o tempo de vida e de morte dessas mulheres alterna-se num movimento de reversão, de onde emerge o questionamento, a lembrança que balizará a consciência crítica sobre suas vidas.

Ao ouvirmos e registramos essas personagens, nós historiadores e historiadoras, vamos ao encontro dessas vozes reivindicadoras e constantemente questionadoras dos seus lugares e de sua condição. Essas mulheres “Penélopes”, fazem uma viagem ao interior de si mesmas em busca das respostas, num exercício que tem no ato de tecer e destecer a metáfora para sua construção enquanto protagonistas. As mulheres que contam, escrevem e narram, tem a consciência de que seu destino é tecido a partir de suas escolhas. Esse processo de ressignificação da memória amplia uma rede de possibilidades de sentido do fortalecimento da existência humana.

Para finalizar e tomando como analogia o mito de Ariadne no mundo grego, para mim ainda hoje, continuamos a encarar o Minotauro de nossas existências. Seja nesta cidade, ou em cidades labirínticas em nossos subconscientes, em nossa história cotidiana... O Minotauro é sagaz, rápido e cruel. E o pior, está sempre faminto. O Minotauro pode ser o medo do desconhecido, o sexismo, a violência as mulheres, a homofobia, a indiferença ao outro. O Minotauro pode ser alguém que você segue, pelas Igrejas espalhadas no Brasil afora, que impõem a cegueira, o preconceito, pode ser os (as) vereadores (as) no Brasil afora que por um ato inquisitorial extirpam o mal do “gênero” no plano municipal de educação, mas que vai acabar sendo o seu algoz algum dia. Pode ser o inimigo íntimo, o amigo falso das horas certas. O Minotauro pode estar embaixo da mesa da sala do jantar, pode estar nos arquivos e nas fontes, que escondem o feminino, nos labirintos conservadores da história, ou pode estar deitado na mesma cama que você.

Mas sempre há uma saída. Um fio de Ariadne. O problema é que às vezes ele é tão fino, tão fino que não o vemos, mas mesmo assim ele é imprescindível para a história de todas e todos nós.

Referências.

CHARTIER, Roger. Diferenças entre os sexos e dominação simbólica (nota crítica)”IN: *Cadernos Pagu- fazendo história das mulheres.*(4). Campinas, Núcleo de Est. De Gênero/ UNICAMP, 1995, p. 40-42.

DUBY, Georges e PERROT, Michelle. *História das Mulheres no Ocidente. A Antiguidade.* Vol 1, Porto: Edições Afrontamento, 1990.

FOUCAULT, Michel. *Estratégias, poder-saber.* Coleção Ditos e Escritos (IV), Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

_____. *A arqueologia do saber.* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

GUARDIA Sara Beatriz. *La escritura da História de las Mujeres en la América Latina.* Lima: CEMHAL, 2005.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva.* São Paulo: Centauro, 2006.

MATOS, M. Izilda S. (Org.); SOLLER, M. A. (Org.) *Da invisibilidade ao gênero.* 1. ed. São Paulo: NEM/PUC-SP, 2003, v. 1, 250 p.

PERROT, Michele. *As mulheres ou os silêncios da história.* (tradução de Viviane Ribeiro) São Paulo: Edusc, 2005.

_____. *Mulheres Públicas.* São Paulo: Unesp, 1998.

_____. *Práticas da memória feminina.* Revista Brasileira de História. São Paulo, n. 18, p. 9-18, 1989.

SCOTT, Joan. *Gênero, uma categoria útil de análise histórica.* Porto Alegre; Rev. *Educação e Realidade.* Vol. 20, jul – dez, 1995.

TEDESCHI, Losandro Antonio. *História das Mulheres: uma introdução teórico e metodológica.* Dourados: EDUFGD, 2012.

TELLES, Norma. Escritoras, escrita e escritura. In: DEL PRIORI, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil.* São Paulo: 2002.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. Lisboa: Edições 70, 2008.